

A TEORIA DOS CASOS NA ANÁLISE DO USO DE PREPOSIÇÕES EM INGLÊS*

Rejane Maruá Sampedro Ramos
Docente da UFSM

INTRODUÇÃO

A preocupação em tentar determinar causas de dificuldade na aprendizagem de certas estruturas da língua inglesa motivou a presente pesquisa.

Experiências de ensino mostram que, entre os tópicos de dificuldade para aprendizes de inglês como língua estrangeira, encontram-se as preposições. Assim, este trabalho visa a localizar os principais tipos de informação sintática e semântica determinantes da facilidade ou dificuldade do aprendiz em selecionar preposições em inglês.

Pela identificação dos traços de interferência no processo de escolha das preposições mais freqüentemente usadas, propõe-se chegar à compreensão das estratégias de aprendizagem do aluno.

Para atingir a esse objetivo, analisam-se exercícios de redação de alunos do 6º semestre de estudo da Língua Inglesa nos Cursos de Letras da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A seleção de preposições em inglês por falantes nativos de português pode estar sujeita à influência de diversas variáveis. A dificuldade em hierarquizar essas variáveis determinou que se optasse por aquelas de interferências lingüística. Assim, pretende-se verificar, apenas, o grau de influência da complexidade interna de estruturas do inglês e da transferência de traços estruturais do português.

* O presente artigo é extraído da dissertação de Mestrado, área de Lingüística Aplicada, apresentada na PUCRS.

Nesta análise, seguem-se diretrizes teóricas de estudos da análise de erros e da análise contrastiva. Para melhor interpretar os dados, observam-se tanto as construções em que a preposição é corretamente selecionada, quanto aquelas em que o uso da preposição não é aceito como correto. Os erros encontrados são definidos nas categorias "interlingual" e "intra-lingual".¹ Interlinguais são os erros que se caracterizam pela transferência de traços estruturais do português para o inglês. Intra-linguais são aqueles erros que refletem características gerais da aprendizagem de regras dentro de estruturas do próprio inglês.

Para a descrição das estruturas do "corpus" coletado, adota-se o modelo da Teoria dos Casos Profundos. Em linhas gerais, segue-se a noção de casos proposta por Fillmore, mas, para a análise de certas construções, utilizam-se conceitos encontrados em trabalhos de outros estudiosos.

1 — CONCEPÇÃO DE CASOS NA ESTRUTURA PROFUNDA

Ao propor um modelo que discute predicados, argumentos e tipos de funções semânticas, Fillmore sugere que o relacionamento de um predicado com os elementos nominais que com ele se combinam é independente de noções gramaticais como sujeito ou objeto direto. O modelo de gramática transformacional que surge focaliza, então, a união das relações sintáticas e semânticas entre os componentes da oração. Esse modelo contém "casos" na estrutura profunda.²

Essas relações de casos nada têm a ver com a noção tradicional de casos gramaticais determinados por formas flexionadas, mas dizem respeito às relações de estrutura profunda entre os sintagmas nominais e o verbo com que eles se associam.

Na estrutura do modelo de Fillmore, cada um dos sintagmas nominais que aparecem na oração é imediatamente dominado por um constituinte de função casual diferente. Como o número de elementos nominais em uma oração é opcional, Fillmore estabelece que um caso, pelo menos, deve ser escolhido e que nenhum caso pode ser escolhido mais de uma vez. O número de elementos nominais em uma oração será determinado pelas regras de superfície de cada língua particular.³

Ao introduzir os sintagmas nominais na noção de casos, Fillmore propôs que cada um deles iniciasse por uma preposição. Essa preposição seria definida pelo tipo de função casual que o sintagma desempenhasse na oração.⁴

Posteriormente, os casos passam a identificar apenas as funções semânticas que as entidades assumem na predicação, sendo as preposições analisadas como marcadores superficiais dessas funções semânticas de casos. Desse modo, a oração é analisada como um verbo e uma série de casos da estrutura profunda, e as preposições são associadas aos sintagmas nominais por regras de seleção de preposições.⁵

No modelo da Gramática dos Casos, uma das principais atribuições do léxico é a especificação do número de argumentos que um item usado como predicado requer conceitualmente, bem como a especificação do papel que cada argumento desempenha na situação indicada pelo predicado.

Entre as principais funções semânticas definidas por Fillmore, encontram-se aquela de realizador de uma ação — Agentivo (A); a da entidade que sofre ou experimenta o efeito de um acontecimento psicológico-Experienciador (E); a do estímulo ou causa física imediata de um acontecimento — Instrumental (I); a da entidade que se move ou sofre mudança — Objetivo (O); a que especifica o ponto de partida, o estado inicial de alguma coisa ou o remetente na transferência de um objeto para outra pessoa-Origem (Or); a que especifica o ponto final, o estado resultante de alguma coisa ou o receptor na transferência de um objeto — Meta (M); a que assinala a localização de um objeto ou acontecimento — Locativo (L); a que determina o período ou duração de um acontecimento — Temporal (T); a que expressa um papel de acompanhamento — Comitativo (C); e aquela que representa o papel de beneficiário da ação — Benefactivo (B).⁶

Gramáticos da teoria dos casos postulam hierarquias para guiar a operação de processos sintáticos, tais como as escolhas do sujeito e do objeto direto. De acordo com a hierarquia, será escolhido, para sujeito, o sintagma nominal associado ao caso que sobrepõe-se aos outros na oração.

Nilsen faz a interessante observação de que:

"... sob condições normais, a posição de sujeito é a posição para casos com um alto quociente de atividade, enquanto a posição de objeto direto é a posição para casos com um baixo quociente de atividade".⁷

Entre os casos definidos por Fillmore, encontra-se a seguinte hierarquia: A — E — I — O — Or — M, sendo que o sujeito, em circunstâncias não-marcadas, é determinado pelo caso em posição mais elevada na lista. Em esquemas casuais,

os casos vêm formalizados nessa ordem, sendo colocados entre parênteses aqueles de escolha opcional na estrutura de superfície da oração. Quanto à escolha do objeto direto, é sugerida a hierarquia E — O — M, subentendendo-se que, em condições normais, os casos Agentivo, Instrumental e Origem não são escolhidos para essa posição.⁸

Nesse tipo de análise, os verbos são descritos e classificados pelo esquema de casos em que eles podem ser inseridos. Encontra-se, por exemplo, verbos com RUN /CORRER/ inseridos no [——— A], verbos como OPEN /ABRIR/ inseridos no esquema [——— AO], verbos como MURDER /ASSASSINAR/ inseridos no esquema [——— AE], verbos como GIVE /DAR/ inseridos no esquema [——— AOM], e assim por diante.

O opcionalidade de alguns argumentos, no esquema casual de certos verbos, permite que tais verbos ocorram com mais de uma combinação de casos, pois a possibilidade de alguns casos sofrerem transformação de apagamento na passagem do verbo da estrutura profunda para a superficial, é uma das características do processo de derivação semântica da Gramática dos Casos. Isso reduz o número de informações semânticas no léxico, pois a distinção entre verbos transitivos e intransitivos, por exemplo, é eliminada. Explicando as diferenças entre as orações (1a), (1b) e (1c) como resultado de processos transformacionais de seleção e de apagamento, operando sobre os elementos da estrutura casual do verbo OPEN /ABRIR/ [——— (A) (I) O], pode-se considerar uma única entrada lexical para verbos desse tipo.

(1) a. $\begin{matrix} A & & O & & I \\ \text{John} & \text{opened} & \text{the door} & \text{with a key.} \end{matrix}$

/João abriu a porta com uma chave./

b. $\begin{matrix} & & I & & O \\ \text{The key} & \text{opened} & \text{the door.} \end{matrix}$

/A chave abriu a porta/

c. $\begin{matrix} & & & & O \\ \text{The door} & \text{opened.}^9 \end{matrix}$

/A porta abriu./

A diferença entre verbos, no entanto, não está apenas na especificação dos esquemas casuais em que eles podem ser

inseridos. Há importantes variáveis a serem consideradas no que diz respeito às propriedades transformacionais de certos verbos. Além de verbos que determinam a escolha de sintagmas nominais em funções específicas, para representar o sujeito ou o objeto direto na estrutura de superfície, existem verbos que requerem preposições particulares para assinalar, superficialmente, certos casos da estrutura profunda.

Importante contribuição ao modelo da Gramática dos Casos foi dada pelos estudiosos Stockwell, Schachter e Partee ao mostrar que as mesmas relações casuais verificadas em uma oração podem ser encontradas em um sintagma nominal. Unindo a hipótese lexicalista de Chomsky à hipótese dos casos profundos de Fillmore, esses três estudiosos procuram demonstrar que tanto o verbo como a forma nominal podem ser representados pelo mesmo esquema casual. Nos exemplos (2a) e (2b), observa-se que o mesmo esquema [——— A (O) (M)] pode ser usado para PROPOSE /PROPOR/ e PROPOSAL /PROPOSTA/:

(2) a. $\begin{matrix} & A & & O & & M \\ \text{He} & \text{proposed} & \text{marriage} & \text{to the girl.} \end{matrix}$

/Ele propôs casamento à garota./

b. $\begin{matrix} & A & & O & & M \\ \text{His} & \text{proposal} & \text{of marriage} & \text{to the girl...}^{10} \end{matrix}$

/Sua proposta de casamento à garota.../

Enquanto a hipótese transformacionalista estabelece que as nominalizações derivam de verbos, a hipótese lexicalista declara que as formas nominais estão relacionadas aos verbos somente lexicalmente. Assim, itens como PROPOSE e PROPOSAL relacionam-se não porque o último deriva do primeiro, mas porque eles são gerados por estruturas profundas paralelas. Através desse modelo, procura-se definir a origem daquelas construções em que os elementos preposicionados relacionam-se ao núcleo substantivo de um sintagma nominal e não ao núcleo verbal de uma oração.

2 — PREPOSIÇÕES COMO MARCADORES DE CASOS

A natureza do procedimento para introduzir preposições nas estruturas das orações é um dos pontos mais discutidos em estudos da gramática transformacional.

Mostrando que significantes relações podem ser observadas entre certas preposições e funções semânticas atribuídas

aos sintagmas nominais que se combinam com um verbo em orações da língua inglesa, o modelo da Gramática dos Casos traz importante contribuição ao estudo de preposições. Embora pedagogicamente útil ao ensino de línguas estrangeiras, essa pressuposição pode trazer problemas de aprendizagem ao aluno, pois ocorrências de preposições diferentes para assinalar um mesmo caso (3), ou de uma mesma preposição para assinalar casos diferentes (4), são freqüentemente observadas em inglês.

- (3) a. A I
He walks **with** a cane.

/Ele caminha com uma bengala./

- b. A I
He traveled **by** train.

/Ele viajou de trem./

- c. A I
He came **on** horseback.

/Ele veio à cavalo./

- (4) a. A M I
He hit the man **with** a rake.

/Ele bateu no homem com um ancinho./

- b. A O C
He took his sister **with** him.

/Ele levou sua irmã com ele./

- c. A O
He helped **with** the dishes.

/Ele ajudou com a louça./

Não se pode deixar de considerar que existem, realmente, preposições específicas assinalando a ocorrência de um determinado caso. Deve-se, no entanto, procurar meios de agrupar essas preposições como possíveis marcadores do caso em questão. Excetuando as circunstâncias em que a escolha particular de uma preposição está intimamente ligada a propriedades idiossincráticas dos elementos aos quais ela se associa, o conhecimento dos possíveis marcadores superficiais de um

caso da estrutura profunda facilita a tarefa do aprendiz no processo de seleção de preposições.

Além da identidade dos casos da estrutura profunda, vários tipos de informações devem ser considerados no processo de escolha de preposições em inglês. Entre essas informações, assinalam-se principalmente:

(i) propriedades sintáticas e semânticas inerentes aos verbos com os quais as preposições co-ocorrem. Observa-se que, em posição de objeto preposicionado, o verbo BLAME /CULPAR/ requer, para o caso Objetivo, a preposição **for** e, para o caso Meta, a preposição **on**. Por outro lado, o verbo LOOK pode determinar, para o Objetivo, os usos de **at** ou **for**, dependendo de ser escolhido para expressar os significados de "examinar" ou "procurar", respectivamente:

- (5) a. A M O
He blamed me **for** the accident.

/Ele culpou-me pelo acidente./

- b. A O M
He blamed the accident **on** me.

/Ele culpou-me pelo acidente./

- (6) a. A O
She was looking **at** the book.

/Ela estava olhando o livro./

- b. A O
She was looking **for** the book.

/Ele estava procurando o livro./

(ii) propriedades semânticas atribuídas às estruturas subjacentes dos substantivos associados às preposições. A preposição **in**, por exemplo, é usada quando o substantivo selecionado para representar o caso Locativo especifica o conceito de "área fechada" (7); a preposição **on** com substantivos que expressam o conceito de "superfície" (8), e a preposição **at** com substantivos que indicam "um ponto específico no espaço" (9).

- (7) a. O L
They were **in** the dining-room.

/Eles estavam na sala de jantar./

- (8) a. ^O They were ^L on the first-floor.
/Eles estavam no primeiro andar./

- (9) a. ^O They were ^L at the door.
/Eles estavam à porta./

(iii) processos de seleção do sujeito e do objeto direto. A ausência de preposição antes de expressões nominais indica que, na oração, esses elementos ocupam a posição de sujeito ou de objeto direto. Note-se, no entanto, que alguns verbos são regidos por regras especiais quanto ao uso de preposição para marcar casos que ocupam a posição de objeto direto (10).

- (10) a. ^O Talk ^M about this to Dr. Smith.
/Converse sobre isto com o Dr. Smith./

- b. ^M Talk to Dr. Smith ^O about this.¹¹
/Converse com o Dr. Smith sobre isto./

(iv) transformações como passivização (11), nominalização (12) ou inversão na posição de elementos que ocorrem com verbos do tipo GIVE /DAR/ (13).

- (11) ^O The book was read ^A by Peter.
/O livro foi lido por Pedro./

- (12) ^O The reading of the book...
/A leitura do livro.../

- (13) a. ^A He gave ^O the book ^M to me.
/Ele deu o livro para mim./

- b. ^A He gave ^M me ^O the book.
/Ele deu-me o livro./

O conhecimento das informações mencionadas é indispensável à preparação de um material de ensino adequado, pois as restrições que envolvem a co-ocorrência de verbos com preposições ou de preposições com sintagmas nominais, bem como as particularidades que envolvem preposições resultantes de transformações, podem diferir de uma língua para outra. Além de mostrarem semelhanças e diferenças entre construções da língua estrangeira e da língua materna, essas informações podem ser utilizadas para esclarecer grande parte dos erros cometidos pelo aprendiz no desempenho da língua estrangeira.

3 — ANÁLISE DO USO DE PREPOSIÇÕES

Utilizando o modelo descritivo de teoria dos casos, analisam-se os principais tipos de construções usados pelos alunos. Esta análise visa a identificar os traços sintáticos e semânticos determinantes da facilidade ou dificuldade do falante nativo de português na escolha de preposições em inglês.

3.1 — Construções Corretas

As construções corretas encontradas mostram que as estruturas mais facilmente assimiladas pelos alunos são aquelas em que a escolha da preposição é definida pelo tipo de função semântica que ela assinala na oração. As preposições **in**, **on** e **at**, por exemplo, são corretamente selecionadas para marcar ou o caso Locativo, ou o caso Temporal.

- (14) a. ^O We are going to live ^L in a comfortable house.
/Nós vamos morar em uma casa confortável./

- b. ^O My house is ^L on the other side of the street.
/Minha casa fica no outro lado da rua./

- c. ^A I will wait for you ^O at ^L the station.
/Eu esperarei por você na estação./

- (15) a. ^A She visited us ^M in ^T the afternoon.
/Ela nos visitou à tarde./

- b. A M T
He arrived here **on** a nice Spring day.

/Ele chegou aqui em um bonito dia primaveril./

- c. A Or T
She was leaving home **at** that time.

/Ela estava saindo de casa naquele instante./

As escolhas corretas de **in**, **on** e **at** nas construções (14) e (15) mostram que os alunos têm conhecimento das propriedades semânticas especificadas na locação ou no período de tempo denotado por cada um dos sintagmas nominais que ocorrem com essas preposições.

Da mesma forma, as preposições **to**, **for** ou **into** corretamente marcam a realização do caso Meta, **from** caracteriza o caso Origem e **by** ou **with** assinalam o caso Instrumental.

- (16) a. A M T
My sister returned **to** Brazil last year.

/Minha irmã voltou ao Brasil no ano passado./

- b. A M T
He left **for** Rio two hours ago.

/Ele partiu para o Rio duas horas atrás./

- c. A M T
I moved **into** a new house last week

/Eu mudei-me para uma casa nova, na semana passada./

- (17) a. A Or T
He arrived **from** Brasília last night.

/Ele chegou de Brasília na noite passada./

- b. A O Or
We bought that house **from** an engineer.

/Nós compramos aquela casa de um engenheiro./

- (18) a. M I
He was hit **by** a car.

/Ele foi atropelado por um carro./

- b. A O I
She decorated the room **with** flowers.

/Ela decorou a sala com flores./

Conforme mostram as orações (16.a), (16.b) e (16.c), as preposições **to**, **for** e **into** marcam a ocorrência do caso Meta na estrutura casual de verbos que denotam "movimento". A escolha de cada uma dessas preposições decorre de propriedade subjacentes específicas aos verbos RETURN /RETORNAR/ LEAVE /PARTIR/ e MOVE /MUDAR-SE/ selecionados para predicado em tais orações.

Como marcador superficial do caso Origem, a preposição **from** é usada tanto para identificar elementos que, na estrutura de verbos de movimento, definem a noção de "ponto de partida" (17.a), quanto para identificar elementos que, na estrutura de verbos que indicam a transferência de um objeto, desempenham a função de "remetente ou fornecedor" da ação (17.b).

As escolhas de **by** e **with**, para marcar os elementos em posição de objeto preposicionado nas orações (18.a) e (18.b), são definidas por particularidades que caracterizam a função de Instrumental desses elementos na estrutura casual dos verbos HIT /ATROPELAR/ e DECORATE /DECORAR/, respectivamente. É interessante assinalar que uma construção com **with** instrumental pressupõe a existência de um elemento em função de Agentivo.

Outro instrumento de aprendizagem utilizado pelo aluno é a transferência de regras que orientam a escolha de preposições em sua língua materna. Em várias estruturas, constata-se que a preposição selecionada corresponde, pela tradução, à preposição equivalente em português. Note-se, por exemplo, que não há dificuldade na escolha de preposições como **before**, **after**, **during**, **behind** ou **in front of**.

- (19) a. O T
The train will not arrive **before** 7 o'clock.

/O trem não chegará antes das 7 horas./

- A M T
b. He returned to his city **after** the holidays.

/Ele voltou para sua cidade, após as férias./

- A T
c. I worked **during** the day.

/Eu trabalhava durante o dia./

- O L
(20) a. There is a large playground **behind** the house.

/Há um grande pátio de recreação atrás da casa./

- E R L
b. We saw a small restaurant **in front of** the theater.

/Nós vimos um pequeno restaurante em frente do teatro./

A facilidade de uso dessas preposições, para marcar o caso Temporal (19) ou o caso Locativo (20), pode ser explicada quer pelo fato de que essas preposições contêm informação semântica e são introduzidas diretamente por opções do léxico, quer pela observação de que há correspondência interlingual dos usos de **before**, **after**, **during**, **behind** ou **in front of** com os de suas formas equivalentes em português.

3.2 — Erros Intralinguais

Pela análise das construções mais freqüentemente usadas, observa-se que a maior ocorrência de erros na escolha de preposições é determinada por interferência de estruturas do próprio inglês. O desconhecimento das diferentes propriedades sintáticas e/ou semânticas que governam a escolha de preposições em predicados ou expressões particulares do inglês constitui a principal causa dos erros registrados. A dificuldade em assimilar usos idiossincráticos de uma preposição determina o aparecimento de erros decorrentes de falsas analogias ou generalizações incorretas.

Os usos irregulares de **in**, **on** e **at** assinalam a dificuldade do aluno em diferenciar as regras que particularizam a escolha de cada uma dessas preposições. Tanto para marcar o caso Locativo, quanto para marcar o caso Temporal, verifica-se a tendência de se generalizarem, pelo uso de **in**, ocorrências em

que expressões específicas de lugar ou de tempo requerem o uso de **on** ou **at**.

- O L
(21) a. *The bus was soon **in** the road.

- b. The bus was soon **on** the road.

/O ônibus logo estava na estrada./

- E O L
(22) a. *I have seen someone **in** the door.

- b. I have seen someone **at** the door.

/Eu vi alguém à porta./

- A Or T
(23) a. *He came from Caxias **in** the thirtieth of July.

- b. He came from Caxias **on** the thirtieth of July

/Ele veio de Caxias, em trinta de julho./

- O L T
(24) a. *They will be here **in** the end of September.

- b. They will be here **at** the end of September.

/Eles estarão aqui, no fim de setembro./

Essa tendência do aluno em generalizar, pelo uso de **in**, os sentidos expressos pelas preposições **on** ou **at**, quer em função Locativa, quer em função Temporal, parece ser devida à existência de uma só preposição em português para representar usos equivalentes a essas três preposições do inglês.

A confusão entre os usos de **to** e **for** ou de **of** e **from** também caracteriza um tipo de erro comum a vários alunos. A dificuldade em selecionar **to** ou **for** para marcar ocorrências do caso Meta, e a dificuldade em diferenciar os tipos de funções semânticas que devem ser marcados por **of** ou **from**, levam o aprendiz a estabelecer um sistema particular de regras. Nessa estratégia de aprendizagem, apenas uma das preposições é escolhida. Isso explica a maior ocorrência de **for** para substituir usos de **to**, e a maior ocorrência de **of** para representar usos de **from**.

- (25) a. ^A *My sister will travel ^M for Rio.
 b. My sister will travel to Rio.
 /Minha irmã viajará para o Rio./

- (26) a. ^A *I sent postcards ^O for my friends. ^M
 b. I sent postcards to my friends.
 /Eu enviei cartões-postais a meus amigos./

- (27) a. ^A *They were coming back ^{Or} of São Paulo.
 b. They were coming back from São Paulo.
 /Eles estavam voltando de São Paulo./

- (28) a. ^O *He didn't live far ^L of his work.
 b. He didn't live far from his work.
 /Ele não morava longe de seu trabalho./

As generalizações observadas no uso de **for** e **of** podem ser explicadas, também, pela tendência do aprendiz em transferir, para a língua estrangeira, traços de sua língua materna. Comparando as estruturas das duas línguas, constata-se que a preposição **para** normalmente traduz usos de **to** e **for**, assim como a preposição **de**, usos de **of** e **from**.

As diferentes particularidades que envolvem a realização superficial de elementos escolhidos para as posições de objeto direto e de objeto preposicionado também causam problemas aos alunos. Alguns verbos de dois objetos podem sofrer a aplicação da regra que inverte a posição dos elementos que ocupam tais posições, com o apagamento da preposição. Outros, no entanto, são particularizados por regras sintáticas diferentes, quer quanto à inversão dos elementos, quer quanto à escolha e apagamento de preposições. Para que o aluno internalize, mais facilmente, esse tipo de complexidade, devem-se selecionar e agrupar predicados particulares, não apenas em relação ao esquema casual que os descreve, mas também em relação às restrições sintáticas que definem a realização superficial das respectivas funções semânticas.

3.3 — Erros Interlinguais

A interferência de regras da língua materna do aluno também é causa de irregularidades na escolha de preposições em inglês. Nas construções analisadas, apenas nos usos de **with** e de **of**, registram-se significativas ocorrências de erros resultantes da interferência de traços estruturais do português.

Em usos irregulares de **with**, observa-se que o aluno recorre às regras de sua língua materna por desconhecer propriedades idiossincráticas que determinam, em inglês, a escolha de preposições particulares para marcar relações que são expressas, em português, pelo uso da preposição **com**.

- (29) a. ^O *We will live there ^L with ^{Mo} comfort.
 b. We will live there in comfort.
 /Nós moraremos lá, com conforto./

- (30) a. ^E *He did not care ^O with the distance.
 b. He did not care about the distance.
 /Ele não se importava com a distância./

- (31) a. ^I *Her mother was very kind ^E with us.
 b. Her mother was very kind to us.
 /A mãe dela foi muito gentil conosco./

A existência de construções em que se registra equivalência interlingual nos usos de **with** e **com** explica a estratégia de aprendizagem do aluno ao escolher **with** para marcar as relações semânticas expressas nas orações de (29) a (31).

No uso de **of**, diferenças estruturais entre o inglês e o português são as principais causas dos erros interlinguais assimilados. Entre os traços sintáticos de maior dificuldade para os alunos, constatam-se a ausência de preposição e a existência de diferentes tipos de construções nominais para caracterizar, em inglês, relações semânticas marcadas pelo uso da preposição **de** em português.

- (32) a. *I didn't like ^E of that place. ^O
- b. I didn't like that place.
- /Eu não gostei **daquele** lugar./

- (33) a. *The house was painted of blue. ^O
- b. The house was painted blue.
- /A casa foi pintada **de** azul./

- (34) a. *I met him during a trip of business. ^{A M T}
- b. I met him during a business trip.
- /Eu o encontrei durante uma viagem **de** negócios./

Apesar da correspondência interlingual dos usos de *of* e *de* em certas construções nominais, encontram-se, em inglês, diferentes tipos de relações semânticas marcados por construções genitivas ('s) ou pela justaposição de dois substantivos em um sintagma nominal. A existência de diferentes tipos de construções em inglês causa confusão ao aprendiz e leva-o a optar por aquela que é semelhante à estrutura de superfície de sua língua materna.

É possível que as relações marcadas superficialmente por construções genitivas ou pela justaposição de elementos tenham-se originado de estruturas semelhantes àquelas que determinam o aparecimento de construções com *of*. Mas, para que se estabeleçam as restrições que determinam a escolha de uma ou outra construção, torna-se necessário verificar, em um grande número de ocorrências, os diversos tipos de relações semânticas assinalados por tais construções. Como resultado de tal verificação, poderão ser estabelecidas regras especiais que determinam as diferentes combinações semânticas de um substantivo particular.

CONCLUSÃO

Os resultados da análise de erros e da análise contrastiva confirmam as hipóteses de que, no uso de preposições em inglês por falantes nativos de português, são fatores determinantes de dificuldade a complexidade interna de estruturas do inglês e a interferência de traços estruturais do português. A

menor ocorrência de erros interlinguais é justificada pelo avançado nível de estudo dos alunos testados. Conforme mostram as construções corretas encontradas em sexto semestre de estudo, os alunos têm conhecimento das regras básicas que orientam a escolha de preposições em inglês.

Em vista de certas preposições serem caracterizadas, nas estruturas do inglês e do português, como marcadores superficiais de funções semânticas específicas, sugere-se utilizar conceitos da Gramática dos Casos para a preparação de material de ensino adequado. Com base na identificação das equivalências entre as duas línguas e dos traços de interferência intralingual e interlingual, a apresentação do uso de preposições em inglês pode ser estruturada do menor ao maior grau de dificuldade, dando-se ênfase especial aos itens problemáticos apontados.

Considerando o limitado uso e a dificuldade do aluno em familiarizar-se com os sentidos expressos por certas preposições, sugere-se, ainda, a preparação de textos e exercícios especiais visando à fixação de estruturas que, em geral, são pouco usadas pelos alunos. A seleção de um bom material de ensino permite ao professor facilitar a tarefa do aprendiz, habilitando-o, após seis semestres de estudo da língua inglesa, a usar diferentes tipos de preposições.

NOTAS

- 1 RICHARDS, Jack C. "A non-contrastive approach to error analysis". In: Oller, John W. & Richards, Jack C. eds. *Focus on the learner: pragmatic perspectives for the language teacher*. Rowley, Newbury House Publishers, Inc., 1973, p. 96-108.
- 2 FILLMORE, Charles J. "The case for case". In: Bach, Emmon & Harms, Robert T. eds. *Universals in linguistic theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1968, p. 1-3.
- 3 FILLMORE, Charles J. "The case for case". Op. cit., p. 23.
- 4 Id., "A proposal concerning English prepositions". In: Dinneen, F. P. ed. *Monograph series on languages and linguistics*. Washington, D. C., Georgetown University Press, 1966, nº 19, p. 22-3.
- 5 COOK, Walter A. "Improvements in case grammar 1970". In: O'Brien, Richard J. ed. *Languages and linguistics working papers*. Washington, D. C., Georgetown University Press, 1971, nº 2, p. 10-2.
- 6 FILLMORE, Charles J. "Some problems for case grammar". In: O'Brien, Richard J. ed. *Monograph series on languages and linguistics*. Washington, D. C., Georgetown University Press, 1971, nº 24, p. 247-51.
- 7 NILSEN, Don L. F. *The instrumental case in English-Syntactic and semantic considerations*. The Hague-Paris, Mouton & C., 1973, p. 140.
- 8 COOK, Walter A. "Improvements in case grammar 1970". Op. cit. p. 13.
- 9 FILLMORE, Charles J. "The case for case". Op. cit., p. 25-9.

- 10 STOCKWELL, Robert et alii. **The major syntactic structures of English.** New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1973, p. 5.
- 11 FILLMORE, Charles J. "Toward a modern theory of case". In: Reibel, David A. & Schane, Sanford A. eds. **Modern studies in English.** Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, Inc., 1961, p. 369.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — CHOMSKY, Noam. **Aspectos da teoria da sintaxe.** Trad. do inglês de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra, Arménio Amado, 1975, p. 372.
- 2 — COOK, Walter A. "Improvements in case grammar 1970". In: O'BRIEN, Richard J. ed. **Languages and linguistics working papers.** Washington, D.C., Georgetown University Press, 1968, nº 2, p. 10-22.
- 3 — FILLMORE, Charles J. "A proposal concerning English prepositions". In: DINNEEN, F. P. ed. **Monograph series on languages and linguistics.** Washington, D. C., Georgetown University Press, 1966, nº 19, p. 19-33.
- 4 — ———. "The case for case". In: BACH, Emmon & HARMS, Robert T. eds. **Universals in linguistic theory.** New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1968. p. 1-88.
- 5 — ———. "Lexical entries for verbs". In: **The Ohio State University working papers in linguistics.** nº 2, Columbus, 1968, p. 1-29.
- 6 — ———. "Toward a modern theory of case". In: REIBEL, David A. & SCHANE, Sanford A. eds. **Modern Studies in English.** Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice-Hall, Inc., 1969, p. 361-75.
- 7 — ———. "Types of lexical information" In: STEINBERG, Danny D. & JAKOBOVITS, Lean A. eds. **Semantics.** Cambridge University University Press, 1971. p. 370-92.
- 8 — ———. "Some problems for case grammar". In: O'BRIEN, Richard J. ed. **Monograph series on languages and linguistics.** Washington, D. C., Georgetown University Press 1971. nº 24, p. 245-64.
- 9 — NILSEN, Don L. F. The use of case grammar in teaching English as a foreign language. **Tesol Quarterly.** Washington, D. C., 5(4): 293-9, Dec. 1971.
- 10 — ———. **The instrumental case in English-syntactic and semantic considerations.** The Hague — Paris, Mouton & Co., 1973, p. 187.
- 11 — RICHARDS, Jack C. "A non-contrastive approach to error analysis". In: OLLER, John W. & RICHARDS, Jack C. eds. **Focus on the learner: pragmatic perspectives for the language teacher.** Rowley, Newbury House Publishers, Inc, 1973, p. 96-109.
- 12 — RICHARDS, Jack C. "Error analysis and second language strategies". In: OLLER, John W. & RICHARDS, Jack C. eds. **Focus on the learner: pragmatic perspectives for the language teacher.** Rowley, House Publishers, Inc. 1973, p. 114-33.
- 13 — STOCKWELL, Robert et alii. **The major syntactic structures of English.** New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc., 1973 p. 847.